

Por: José Eduardo Gouvêa / 2006.1

Campus São Gonçalo

Entre o cômico e grotesco de "A Revolução dos Bichos" e a demagogia social do Neoliberalismo.

O livro é uma fantástica comparação sobre os mecanismos de degeneração do igualitarismo com as monstruosidades que pode produzir uma política entendida como puro e cínico exercício do poder, qualquer que seja a ideologia que a oriente.

O enredo se desenrola em uma fazenda, onde os animais se rebelam vitoriosamente contra os homens que os dominam, instaurando um sistema de igualdade entre todos os animais que lá vivem. Os porcos, por serem os mais inteligentes, assumem o controle da comunidade procurando o bem estar dos bichos, mas depois de alguns acontecimentos, a próprios interesses de alguns, desvirtuam o objetivo inicial, que era o de igualdade para todos.

Assim que conseguiram a liberdade após aquele glorioso evento, os porcos cobriram de tinta o nome GRANJA DO SOLAR do travessão superior e em seu lugar, escreveram GRANJA DOS BICHOS. Também decidiram que era possível resumir os princípios do Animalismo em Sete Mandamentos, no qual foram escritos na parede, constituindo a lei que teria de ser inalterável e regedora das vidas de todos os bichos:

OS SETE MANDAMENTOS

Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.

O que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo.

Nenhum animal usará roupa.

Nenhum animal dormirá em cama.

Nenhum animal beberá álcool.

Nenhum animal matará outro animal.

Todos os animais são iguais.

Dois porcos eram os comandantes da granja, e notou-se, porém, que os dois nunca estavam de acordo. Bola-de-Neve era mais ativo, de palavra mais fácil e mais imaginoso. Incentivou – após a expulsão dos humanos – as aulas para que todos os animais aprendessem a

ler e escrever, que fizeram enorme sucesso. Organizava de forma correta e igual todos os interesses da fazenda e foi o principal articulador na rebelião contra os humanos: “Que fazer, então? Trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para a derrubada do gênero humano. Esta é a mensagem que eu vos trago, camaradas: Rebelião!”.

Napoleão, o mais astuto, de aparência ameaçadora e pouco falante, por maior cobiça e outros interesses próprios, depois da rebelião ter sido efetuada com sucesso, armou um grande golpe e expulsou Bola-de-Neve da granja, por não concordar com suas idéias de igualdade entre todos os animais, queria que as coisas fossem regidas por seus interesses próprios:

(...) Napoleão levantou-se e, dando uma estranha olhadela de viés para Bola-de-Neve, soltou um guincho estridente que ninguém ouvira antes.

Houve um terrível latido do lado de fora, e nove cães enormes, usando coleiras tachonadas de bronze, entraram aos saltos no celeiro. Jogaram-se sobre Bola-de-Neve, que saltou do lugar onde estava, mal a tempo de escapar àquelas presas. Num instante, zuniu porta fora com os cães em seu encalço. Espantados e aterrorizados demais para falar, os bichos amontoaram-se na porta para observar a caçada. Bola-de-Neve corria pelo campo em direção à estrada, como só um porco sabe correr, mas os cachorros se aproximavam. De repente ele caiu e pareceu que o pegariam. Mas levantou-se outra vez e voou como um desesperado. Já os cães o alcançavam de novo. Um deles quase fechou as mandíbulas no rabicho de Bola-de-Neve, que o sacudiu bem na hora. Aí fez um esforço extremo e, ganhando algumas polegadas, enfiou-se por um buraco da sebe e sumiu.

Deste dia em diante, assumiu a liderança da granja já fazendo bruscas modificações, ao contrário de Bola-de-Neve, que sempre organizava votações para qualquer decisão que fossem tomar. Aos poucos Napoleão foi modificando as leis para seu próprio uso e interesse, implantando definitivamente um regime ditatorial, e os animais, ignorantes quase por completo na arte da leitura, foram desconfiando desses atos, mas nada podiam fazer. Acabou com as reuniões do domingo na parte da manhã, e daí para frente só fez piorar. Os pobres animais trabalhavam feito escravos de sol a sol.

Todos pensavam que o quarto Mandamento era “Nenhum animal dormirá em cama”, mas Napoleão o modificou: “Nenhum animal dormirá em cama Com *lençóis*”.

Assim também fez com o 5º e o 6º Mandamentos, os alterando para a seguinte forma: “Nenhum animal beberá álcool *em excesso*” e “Nenhum animal matará outro animal, *sem motivo*”.

E você caro leitor, já deve estar cansado de se perguntar o que estes porcos têm em comum com o neoliberalismo, não é? Em primeiro lugar, falaremos de porcos o tempo inteiro. Em segundo, a única diferença entre eles, é que uns andam sobre quatro patas, têm focinho e rabos, e outros sobre duas e ainda usam ternos e ainda mais: nos prometem milhões de coisas e tentam nos enganar na cara-de-pau!

Podemos observar várias semelhanças entre esta magnífica história e o modelo neoliberal. Como na granja, um governo neoliberal atende aos interesses internos, permitindo o crescimento da base burguesa, que são a parte dinâmica da sociedade, ignorando as péssimas condições em que o povo vive. É desta parte dominante que sai as idéias racionais que se baseiam em critérios lucrativos e interesses próprios. E se não houver nada que seja capaz de impedir o esmagamento sonso para com as camadas desfavorecidas, estes continuarão a viver entregues ao deus-dará.

Como no texto, o sistema neoliberal causa desigualdades sociais incríveis, fazendo com que a população seja oprimida cada vez mais, sendo assim, uma coisa boa de ser “cultivada”.

No livro, os personagens não têm incentivos à cultura, informação e nenhum outro tipo de ajuda externa que amenizassem suas necessidades, porque tem a função social de retratar, em um determinado momento, o estado em que vivem aqueles bichos – que são uma metáfora da condição humana –, em um estado de repressão absoluta.

Fazendo uma análise mais sistemática sobre ambos materiais, podemos fazer comparações que transcorrem ao longo do romance com alguns princípios básicos do neoliberalismo. Este sistema político afina-se com qualquer regime que garanta os direitos das propriedades privadas, neutralizando os sindicatos e favorecer os que dominam, não os que são dominados, tanto faz se o regime é democrata, autoritário ou ditatorial.

Na teologia neoliberal, os homens não nascem iguais nem tendem à igualdade. Logo, qualquer tentativa de suprimir com a desigualdade é um ataque irracional à própria natureza das coisas. (...) Qualquer tentativa de justiça social torna-se inócua porque novas desigualdades fatalmente surgirão. A desigualdade é um *estimulante* que faz com que os mais talentosos desejem destacar-se e ascender, ajudando dessa forma o progresso geral da sociedade.

Esta citação acima é a ilustração mais básica e precisa da filosofia que rege o neoliberalismo. E como podemos reparar no enredo do livro, estas intenções se fazem presentes em tempo integral porque a intenção era a de não ter mais nenhum mandamento, a não ser o dele

próprio, no que de fato, além de conseguir escravizar e fazer com que todos os animais vivessem em um regime de prisão, fazendo-os “marchar” literalmente, conseguindo banir qualquer tipo de progresso daqueles decadentes bichos. Então veio um momento em que, na parede onde estava escrito os Sete Mandamentos, nada havia agora, senão um único Mandamento dizendo: “TODOS OS ANIMAIS SÃO IGUAIS, MAS ALGUNS ANIMAIS SÃO MAIS IGUAIS QUE OS OUTROS”.

Podemos reparar na construção e apresentação do personagem Bola-de-Neve, como um porco socialista, que tenta fazer com que as diferenças sejam dissipadas entre os bichos. E este socialismo é um verdadeiro “demônio” ao sistema neoliberal. Por que? Por que podemos afirmar que o neoliberalismo é um dos sistemas mais perversos?

O primeiro já vimos acima, que é a filosofia da política neoliberal.

O segundo, se já partimos de um pressuposto de que as desigualdades nunca serão vendidas, para que lutar contra a exclusão e a pobreza? Para que competir? A plebe é uma marionete nas mãos desse sistema, que “estimula o parasitismo e a irresponsabilidade”, onde a caridade vem pelas mãos das Ongs e outras entidades que servem como colchões amortecedores para os que sofrem esse desleixo, incentivando o conformismo da vida ruim.

Terceiro, só presta para esse sistema os ricos, que fazem o bombear da economia de forma significativamente e concreta. Eles são privilegiados pela política de tributação baixíssima, para que não se inibam em seus negócios e projetos.

Quarto, os sindicatos são os responsáveis pelas crises, pressionando o Estado, que não quer atender a suas reivindicações, e quando isto acontece, o Estado é obrigado a reajustar os tributos, prejudicando os investimentos gerais.

Quinto, a culpa para a inflação é novamente dos sindicatos, que com sua gula, exigem cada vez mais, resultando o descontrole da moeda.

Sexto, na dicotomia “Mercado” e “Estado”, para o neoliberalismo isto é encarada de certa forma como um “céu” e “inferno”.

O demônio é classificado como Estado intervencionista, tentando solucionar demagogicamente os problemas de pobreza e desigualdade, levando para um caminho contrário que o sistema neoliberal quer seguir.

O céu é denominado como mercado, que estimula a produção e alimenta a economia ilimitadamente. O mercado enaltece e premia somente a pessoa capaz, anulando quem não tem qualidades significativas para este sistema.

Portanto, podemos introduzir nesse par de conceitos, o socialismo, que é considerado um segundo demônio dentro do regime neoliberal. É um regime que visa a igualdade a todos, sem distinção alguma. O neoliberalismo o aborta radicalmente em qualquer situação.

Mas, nos tempos de hoje, temos acesso a informações, principalmente quando se trata dos mais diversos meios de comunicação que está em tempo real, ligada com todo o mundo. Os governos, tentam nos enganar, como já disse a reafirmo, na cara-de-pau, quando diz que não pode reajustar o salário mínimo e tantas outras coisas mais, que se fossemos pôr no papel, seria preciso muitas folhas. Onde estão os milhões e milhões de reais do lucro que o país gera? Com certeza não está e nunca estará nos bolsos da plebe, só nas contas da classe burguesa – em geral, que é a única beneficiada nesse jogo de interesses políticos.

Nos privam de termos os direitos de estrutura básica, como educação, saúde, para que não possamos ter um funcionamento como sociedade participativa e sã.

Isso tudo só me faz lembrar dos porcos – não estes, mas aqueles do livro –, que cultuam única e exclusivamente os seus próprios interesses.

Portanto, o último parágrafo do belíssimo livro de George Orwell, sintetiza muito bem os responsáveis de muitas coisas ruins:

Doze vozes gritavam, cheias de ódio, e ram todas iguais. Não havia dúvida, agora, quanto ao que sucedera à fisionomia dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco.

Bibliografia:

ORWELL, George, 1903-1950

A Revolução dos Bichos / George Orwell; tradução Heitor Aquino Ferreira.

Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

Fonte: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/atualidade/neoliberalismo.htm>

(Dica do assinante Luiz Carlos Medeiros, de Criciúms/SC.)

Brasil.[Lei de diretrizes e bases da educação nacional]

Lei de diretrizes e bases da educação: (Lei 9.394/96) /

apresentação Carlos Roberto Jamil Cury. – 6. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003

(Legislação brasileira; 7. Série A)